

“AS CRÔNICAS DO LIXO”: UM DIÁLOGO ENTRE A CULTURA MATERIAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS



“THE CHRONICLES OF GARBAGE”: A DIALOGUE BETWEEN MATERIAL CULTURE AND THE CONTINUING EDUCATION OF TEACHERS IN THE EARLY YEARS

JÚLIO SANTOS DA SILVA¹
MARCUS ANDRÉ DOS SANTOS BERNARDES RABELO²

Resumo

A utilização de objetos históricos ou do nosso cotidiano, aos quais chamamos de cultura material é o que discutiremos neste artigo. Diferentemente dos documentos escritos que largamente tem sido utilizado nas aulas de história, pouco tem se refletido sobre o uso de objetos materiais no ambiente escolar como recurso didático para alunos dos anos iniciais. Tendo em vista o leque de possibilidades da sua utilização como recurso pedagógico pretendemos demonstrar o potencial uso da cultura material não só como instrumento educacional, mas também como veículo para a valorização da história local e da memória individual e coletiva.

Palavras-chave: Cultura Material; Anos Iniciais; Ensino de História.

Abstract

The use of historical objects or of our daily life, which we call material culture is what we will discuss in this article. Unlike written documents that have been widely used in history classes, little has been reflected on the use of material objects in the school environment as a didactic resource for students in the early years. In view of the range of possibilities of its use as a pedagogical resource, we intend to demonstrate the potential use of material culture not only as an educational tool, but also as a vehicle for the valorization of local history and individual and collective memory.

Keywords: Culture material; Early Years; History teaching.

Introdução

Um empecilho aos professores do ensino básico no Brasil é a escassez de material didático e a falta de recursos pedagógicos para tornar suas aulas mais atrativas aos alunos que estão adentrando o universo escolar. Muitas vezes prender a atenção e concentração

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Amazonas UFAM e atualmente doutorando em história pela mesma instituição, além de ser professor formador da SEMED-Manaus. E-mail: Julius.manaos@gmail.com.

² Mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional UFRJ, membro Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica NIPAAM.



dos discentes torna-se um desafio e exige que o professor(a) se reinvente em busca de novas ferramentas. Dentre as inúmeras possibilidades para se desenvolver aulas que possam satisfazer o processo de ensino-aprendizagem destacamos aqui nesse artigo o uso da cultura material.

No Brasil e no mundo há uma ciência dedicada exclusivamente para o estudo da cultura material: a arqueologia. As ferramentas teóricas e metodológicas desta disciplina permitem aos profissionais da área compreender o comportamento de populações humanas do passado através dos objetos produzidos, manufaturados, ou aproveitados por elas. Esses objetos foram desprezados, não só por professores, como também por diversos teóricos das ciências humanas (OLSEN, 2010), por estes não perceberem os potenciais usos dessas ferramentas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem. Por meio de uma atividade desenvolvida pela equipe de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação do município de Manaus, com os professores dos Anos Iniciais, refletiremos sobre a forma com que a cultura material se coloca como uma excelente estratégia para o ensino na educação básica.

A cultura material e o ensino de história

De forma objetiva e simples, qualquer objeto construído e utilizado por grupos sociais pode ser denominado “cultura material. Essa explicação não é unânime entre pesquisadores da materialidade, mas a utilizamos para efeitos didáticos na proposta deste artigo. A cultura material, nesse sentido, pode ser entendida como qualquer objeto ou material que sofreu algum tipo de manufatura em maior ou menor grau, que serviu para um fim e que pode ser analisado dentro de um contexto histórico específico. Para tanto se faz necessário entender o campo de pesquisa da materialidade, que é bastante promissor, como afirma o arqueólogo Vitor Oliveira Jorge:

“Entenda-se aqui por "objetos" todo o mundo material que nos rodeia. Nesse mundo material, tem pouco interesse, para o meu ponto de vista neste texto, distinguir entre o que é "natural", geológico ou biológico, e o que é "artificial", construído ou alterado pelo ser humano. Na verdade, toda a realidade material foi desde sempre manipulada por nós, em maior ou menor grau, quanto mais não fosse através de um esquema conceptual pelo qual ela "entrou" no universo social e psicológico através das múltiplas representações coletivas e individuais” (JORGE, 2003, p. 844-845).

As ciências humanas, de uma forma geral, têm se debruçado sobre o uso da cultura material e suas possibilidades teóricas em áreas como a história e antropologia, e principalmente, através da arqueologia. Para isso, precisamos entender os objetos de



maneira pluridisciplinar, partindo da arqueologia, que tem refletido sobre as mais diversas possibilidades e potencialidades do uso da cultura material em suas análises e pesquisas (SILVEIRA & LIMA FILHO, 2005), (GONÇALVES, 2007), (APPADURAI, 2008) e (LIMA, 2011), para os mais diversos campos das ciências humanas.

Primeiro devemos entender as formas de interpretação e/ou geração do conhecimento possíveis a partir da cultura material para só então adaptá-las e aplicá-las no ensino da história, especificamente, na formação de professores do ensino fundamental dos anos iniciais, que compreendem do 1^a ao 5^a ano. Uma gama de textos teóricos da arqueologia nos possibilita compreender metodologicamente os objetos em contextos históricos, visto que por meio da revolução industrial dos séculos XVIII em diante, a produção de bens pela indústria aumentou significativamente a quantidade de produtos industrializados no mundo.

Produções teóricas sobre a cultura material nos ajudam a interpretar os objetos e muitas vezes a captar mensagens implícitas dos seus portadores e/ou das pessoas que os fabricaram. Nesse sentido, tornam-se veículos “vivos” de informações, carregados de intencionalidade dos que os produziram. De toda forma, poucos textos tratam sobre a utilização dos objetos em sala de aula para o ensino da história, deixando-os reclusos aos museus e reservas técnicas para os quais são destinados. Veremos essa situação com mais detalhes em outro momento do texto, agora queremos destacar como os pesquisadores tratam as conexões da cultura material com outras áreas do conhecimento.

No Brasil, alguns historiadores tem argumentado sobre o uso da cultura material em sala de aula, através de textos da antropologia e da arqueologia, e muitas das vezes utilizam esses teóricos de outras disciplinas e as suas metodologias, para substituir a fonte documental, quer dizer, onde não existe documentação sobre um fato histórico usa-se a cultura material, principalmente objetos pessoais ou construções históricas, colocando os objetos como meros coadjuvantes (REDE, 1993), (SILVA, 2006), e ignorando o fato de que a cultura material, em muitos casos, é tudo que restou de uma determinada sociedade sem nenhum documento escrito. Marcelo Rede ao citar Steven Lubar e W. David Kingery sobre a resistência de perceber o objeto como fonte histórica nos diz que:

“As dificuldades advêm do hábito arraigado de ler somente os escritos e de ouvir apenas os pronunciamentos do passado. De fato, em geral, as resistências ao uso da cultura material estão associadas ao predomínio do documento escrito. Normalmente, a cultura material é esvaziada de seu potencial explicativo da experiência humana, restando como fenômeno a ser elucidado a partir de outros referenciais. Outras vezes, é apenas a aproximação com o



texto ou seu enquadramento aos métodos da leitura textual que qualificam seu uso” (REDE, 1996, p. 274).

A não incorporação da cultura material como fonte histórica obteve seus reflexos no seu uso como material didático para o ensino da história, tanto que se tem poucos trabalhos publicados com a temática. Quando encontramos essas produções, percebemos que estão mais voltadas ao seu uso como materiais lúdicos com poucas referências aos objetos ou ao campo de estudo denominado pelos arqueólogos como “arqueologia histórica”³.

A percepção do objeto como fonte histórica precisa ser alvo de discussão e análise. Estas possibilidades abrem uma série de questões e ganhos para a disciplina de História, que agora poderá tratar o objeto como fonte complementar e, dessa forma, amplia significativamente a nossa percepção sobre os fatos históricos. Essa busca pode ser mais antiga do que se imagina, a exemplo do debate ocorrido no século XX com a revista francesa dos *Annales*, que buscou ampliar a concepção sobre os documentos históricos:

Abordou o fazer-se material da experiência histórica (trabalho, alimentação, saúde) como uma de suas problemáticas centrais, articulada em relações de propriedade e poder, e considerou seu presente como História. Na passagem para a década de 30 do século XX, os debates que marcaram a criação da “Escola dos *Annales*” consolidaram um conceito universalizante de documento, abarcando vestígios de quaisquer fazeres humanos. Artefatos e o próprio corpo de homens e mulheres passaram a ser debatidos como fontes de pesquisa. O olhar dos historiadores foi também considerado em relação a experiências de seu presente (SILVA, 2006, p. 83).

Partindo dos *Annales* aos dias atuais, a cultura material pode ser analisada como “ponto de partida” para a análise de um fato histórico, pois, no momento em que ampliamos as potencialidades das conexões que envolvem artefatos, sejam antigos ou recentes, compreendemos a possibilidade de se perceber os signos dos objetos em diversas sociedades, suas ressignificações no tempo e no espaço cultural em que está inserido:

“Face a uma trajetória em que o próprio objeto perde e incorpora atributos, em que atravessa redes de significados que o classificam e reclassificam em categorias constituídas culturalmente, não se trata mais de desvendar características perenes, mas de identificar as alterações e explicar suas razões. Pela sua própria materialidade, os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reinserções que alteram sua biografia e fazem deles uma rica fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade

³ Para saber mais sobre Arqueologia Histórica consultar: D.A. Gheno, N.T.G. Machado. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 58, p. 161-183, jan./jun. 2013 e FUNARI, P.P.A. **A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial**. In: Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas. Andrés Zarankin e María Ximena Senadores (orgs), Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 2002, 107- 116.

(transformações nos modos de relacionamento com o universo físico; mudanças nos sistemas de valores etc.). É preciso investir no entendimento dessa cadeia mutável para incorporar a cultura material em sua plenitude documental” (REDE, 1996, p. 276).

Esses objetos além de estarem carregados de significados históricos e culturais, incorporam traços culturais das sociedades que os utilizam/ manipulam. Um simples tênis ou muda de roupa pode ganhar um significado social bastante diferente dependendo da sua marca, caso este seja sinônimo de luxo, ou de produtos relacionados as classes mais baixas, muitas vezes recebendo uma conotação depreciativa. Essa trajetória do objeto, que provém desde a sua produção e perpassa o consumo até o descarte (não exatamente nessa ordem), implica na reflexão do significado social atribuído a ele n’um certo período. Há também casos de objetos, que no ato de sua criação/fabricação, valem quantias, muitas vezes insignificantes, mas que ao passar do tempo, adquirem um valor social e monetário que interliga a sua importância a uma série de fatos históricos.

Interpretar essa mudança de significado ou de atribuição de valor a um objeto é entender um contexto histórico, ao tempo que a própria utilização do objeto ao longo de sua história incorporou-lhe significados que vão desde prestígio até status sociais simbolicamente entendidos como valores morais ou religiosos.

A cultura material, por assim dizer, “extrapola” o ensino de história e por esse motivo torna-se uma boa ferramenta de ensino para os alunos dos anos iniciais, visto que, esta necessita de outras disciplinas para ser melhor compreendida. Isto demonstra como podemos usar metodologias aplicadas nas práticas escolares, que capacitem professores do 3° ao 5° anos do Ensino Fundamental I por meio da formação continuada de professores da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Manaus). A proposta tem como formação de ponto de partida e fio-condutor a Cultura Material.

Para esse módulo, buscamos experiências no Brasil que também fossem conduzidas pelo estudo da cultura material e encontramos o projeto do PIBID realizado na cidade de Natal- Rio Grande do Norte, no qual os alunos de graduação do curso de licenciatura em História realizaram um projeto com alunos do ensino fundamental focado na história indígena, história local e cultura material (DA SILVA *et al*, 2017). O projeto além de servir como inspiração para a nossa formação continuada de professores dos anos iniciais, forneceu elementos para adaptação e criação de recursos, em virtude do público bastante diferente do projeto lido. Seguindo a estrutura base do projeto nordestino, a nossa proposta também se baseou no uso didático da cultura material para as disciplinas do currículo municipal, com ênfase na disciplina de História.





Adaptar esse debate aos procedimentos de uma formação a diversos professores exige readequações, visto que, objetos tirados de seu contexto inicial tendem a perder ou esvaziar-se de seu significado e/ou sentido. Marcelo Rede (1996, 2012), reforça veemente em seus trabalhos que durante muito tempo o uso da cultura material foi negligenciado pelos historiadores não apenas em suas pesquisas, como também no Ensino de História. Este distanciamento é explicado, segundo o autor, pela não incorporação dos debates contemporâneos aos objetos (cultura material) no campo da história:

“Os historiadores desprezaram ou falharam em considerar adequadamente as articulações entre a vida social e a materialidade, e, apesar de sua grande diversidade, raramente as teorias acerca da experiência histórica reconheceram a importância da dimensão material da existência humana. Em segundo lugar, a historiografia foi tímida ou totalmente inapta em incorporar as fontes materiais ao seu processo de geração de conhecimento. De berço e por vocação sedimentada, optou por privilegiar as fontes escritas de toda espécie” (REDE, 2012, p.133).

Então, torna-se bastante comum utilizarem textos históricos (ou reprodução fiel dos mesmos) na sala de aula para explicar ao aluno um dado contexto histórico, mas é incomum nos anos iniciais a introdução de uma discussão a partir do objeto histórico (antigo ou contemporâneo). Nosso principal objetivo nessa formação contínua de professores é introduzir a discussão do uso da cultura material nas aulas do ensino básico, ampliando-as desde as séries iniciais a leitura dos objetos por parte de alunos e professores.

As “Crônicas do Lixo” e a cultura material

A formação dos professores que será discutida a seguir foi estruturada e elaborada no Centro de Formação de Professores da Secretaria Municipal de Educação do município de Manaus. O módulo de formação, que é realizado em média cinco vezes por ano, é direcionado aos professores que atuam do 3ª a 5ª série dos anos iniciais⁴, sendo estes cerca de trinta docentes por sala de aula. A formação continuada foi dividida em duas partes: Na primeira, o conteúdo teórico é exposto em sala de aula, e uma apresentação é mediada por meio de slides explicativos interpelada por momentos de interação em que os

⁴ Para entender melhor como funciona a Formação de Professores dos Anos Iniciais realizado pela Semed Manaus consultar: SILVA, Rosangela Siqueira da (org.). **Percursos de formação nos anos iniciais: experiências do docente e aprendizagem colaborativa**. – 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2020. Nesta obra relata uma série de experiências oriundas da equipe de Formação Continuada dos Anos Iniciais.



professores questionam e contribuem, com o intuito de elucidar o conceito de cultura material, o ponto de partida para a reflexão.

Na interação do conteúdo com os professores nessa primeira parte, existe uma intensa troca de conhecimento entre os professores e a explicação do conceito de cultura material, cujas conceitos baseiam-se originalmente na arqueologia. Por ser uma disciplina em que poucos tem contato regular, esse debate ajuda na formação de um ambiente de interação e trocas, necessário para se pensar e refletir sobre a prática pedagógica na sala de aula:

“Os problemas e situações vivenciadas em sala de aula exigem dos professores novas respostas, e assim eles têm que alterar os procedimentos adotados, e assim possibilitar inovações na prática pedagógica para que aconteçam as mudanças e incluam a qualificação e melhoria na prática” (SOUZA & WAGNER, 2010, p. 01).

Elaboramos também uma discussão com os professores voltada para a ampliação do conceito de cultura material, enfatizando que este conceito não se refere somente as ferramentas ou utensílios antigos, mas também a objetos contemporâneos do cotidiano, e estes só podem ser entendidos a partir de um contexto social (que também é histórico). Retirá-los desse contexto compromete os seus significados, pois o objeto pode ser usado para diferentes propósitos, dependendo do ambiente em esteja inserido e das pessoas que o munem de significado.

No final da primeira etapa dois questionamentos foram apresentados aos professores. A primeira pergunta foi: “Como trabalhar a Cultura Material na sala de aula?” e a segunda “Como ensinar os conteúdos através dos objetos?”. Essas perguntas serviram como gênese para sua aplicabilidade no ambiente escolar, na disciplina escolar história, porque é no ambiente escolar que se produz um “novo” conhecimento ligado as necessidades dos alunos, como afirma Itamar Freitas:

“Se as finalidades e os conteúdos da disciplina escolar História não são, apenas, um resumo dos interesses e teses dos historiadores da Universidade; se refletem as vontades de uma série de agentes que atuam na escola e no seu entorno, o que faz o professor quando ensina História? A resposta é simples: ele mobiliza um saber docente, ou seja, ele produz conhecimento em meio às necessidades e interesses da tarefa de ensinar às crianças” (FREITAS, 2010, p. 122).

Na segunda parte da formação, os docentes foram divididos em quatro equipes, denominadas “Grupos de Trabalho” (GT), a divisão esteve proporcional ao número de participantes. Para cada GT foi criada uma atividade específica, todas relacionadas a uma prática que deveria ser desenvolvida na sala de aula com os alunos e que tivesse como fio-condutor a Cultura Material. Em nosso caso foram quatro GT’s:



- a) Caixa de Memórias;
- b) Crônicas do Lixo;
- c) Transformações Urbanas
- d) Caixa Sagrada.

As “Crônicas do Lixo”, nome dado para a atividade envolvendo a cultura material que teve origem como dito anteriormente numa prática desenvolvida na cidade de Natal com alunos do PIBID (DA SILVA *et al*, 2017), consistia em um cesto de lixo contendo objetos variados: pilhas alcalinas, embalagem de café, desodorante spray, diversos cupons fiscais, frascos de remédios, embalagens diversas, embalagens de sucos industrializados, embalagens de produtos para pintar o cabelo, produtos de beleza e outros produtos industrializados. Para tanto excluímos da lista produtos cortantes, substâncias oleosas e qualquer material perecível.

Para começar a atividade prática, colocamos juntamente ao cesto de lixo uma pasta com as instruções sobre o desenvolvimento da atividade. A prática se inicia com a leitura de um texto do escritor Luiz Fernando Verissimo, intitulado “O Lixo”. A crônica fala do encontro de um homem e uma mulher que moram no mesmo prédio, mas nunca tinham se visto pessoalmente, os dois vizinhos só conheciam o lixo um do outro. Esse encontro inusitado exatamente no momento em que os dois levavam o seu lixo para a coleta, abriu um diálogo entre duas pessoas estranhas, mas que cada um conhecia o outro pelo lixo produzido.

O simples exercício de observar os objetos que estavam dentro do cesto de lixo após a leitura da crônica de Luiz Fernando Verissimo já despertou de imediato a curiosidade de saber quais objetos estavam no cesto e suas relações com os personagens da crônica, ao tempo em que os objetos dirigiam o olhar dos docentes para o cotidiano das pessoas. Muitos relacionaram os objetos às classes sociais e a qualidade do produto no qual as embalagens estavam descartadas dentro do cesto, as orientações direcionavam o olhar dos professores a seguinte ideia:

“O ponto mais relevante em se trabalhar com cultura material é efetivar uma prática que ressalte a criticidade do estudante. Ao orientar a observação, descrição e análise desses materiais, procuramos estimular novos olhares sobre a cidade, capazes de investir de significado usos e práticas que fazem parte do cotidiano dos jovens, da História de suas comunidades. Esse olhar é indispensável para que esses alunos percebam que a História é feita pelos homens e que são, também eles, sujeitos da História” (Da SILVA *et al*, 2017, p. 91).



Uma caixa de lixo pode conter somente objetos descartáveis, mas até mesmo esses objetos carregam elementos próprios do seu consumidor. Nessa atividade, os docentes poderão perceber o leque de possibilidades pedagógicas com o uso da cultura material dentro de sala de aula.

Conclusão

O desafio de se criar um diálogo entre os objetos e reflexão sobre o ensino de História nos anos iniciais por meio da cultura material, tornou-se o objetivo desta reflexão, com o propósito de aproximar essa disciplina a arqueologia, seus métodos e correntes teóricas que serviriam para a interpretação dos objetos.

O uso de fontes documentais no ensino de história há muito tempo tem contribuído com o processo de aprendizagem dos alunos, documentos antigos, textos históricos e demais fontes escritas, que têm sido bastante utilizadas pelos professores no ensino básico. Mas os objetos ainda não ocupam o mesmo lugar de destaque nas escolas no município de Manaus, e podemos dizer, do Brasil.

Por esse motivo, propomos por meio da formação continuada de professores dos anos iniciais uma formação que evidencie as potencialidades do uso da cultura material na sala de aula, principalmente a partir de experiências pioneiras no Brasil, com as devidas adaptações que atendam as características das cidades da região Norte do país. A cultura material, além de ser um importante meio portador de memória social, pode também se tornar um veículo de valorização da experiência do (a) professor(a), bem como do protagonismo dos alunos.

Data de Submissão: 02/02/2021

Data de Aceite: 02/03/2021

Referências Bibliográficas

APPADURÁÍ, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**; tradução Denise Bottmann; revisão técnica Karina Kuschnir. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.



BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Federal n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília, DF, 2017.

CASTRO, R. X. S.; SILVA, V. L. G. **Cultura material da escola: entram em cena as carteiras**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 207-224, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

DA SILVA, M. G.; DA SILVA, A. K. A.; PINHEIRO, H. A. DE S. DE L. **A cultura material como recurso didático no ensino de História**. Revista Extensão & Sociedade, v. 8, n. 1, p. 85-94, 8 nov. 2017.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Editora GaramondLtda, Rio de Janeiro, 2007.

JORGE, Vitor Oliveira. **Das sete vidas dos objetos**. Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO. Porto, 2003, I Série vol. 2, pp. 843-864.

JUNIOR, Laerthe de Moraes Abreu. **Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar**. Pro-Posições. v. 16, n. 1(46) - jan./abr. 2005.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Diversidade étnico-cultural & ensino de história: resignificando memórias e sujeitos**. – Curitiba: CRV, 2019.

LIMA, Tania Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011.

OLSEN, Bjornar. **In defense of things: archaeology and the ontology of objects**. 2010.

REDE, Marcelo. **História e cultura material**. In: Cardoso, C. F. S. ;Vainfas, R.. (Org.). **Novos Domínios da História**. 1ed.Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2012, v. , p. 133-150.

REDE, Marcelo. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.4 p.265-82 jan./dez. 1996.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 24^a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

[SILVA, Júlio Santos](#). **A caixa sagrada e a formação continuada de professores dos anos iniciais: um debate entre o uso da cultura material e o ensino de africanidades**. TEMPO AMAZÔNICO, v. VII, p. 7-15, 2020.

SILVA, Rosangela Siqueira da (org.). **Percursos de formação nos anos iniciais: experiências do docente e aprendizagem colaborativa**. – 1^a ed. – Maringá: Viseu, 2020.

SILVA, Marcos. **Além das coisas e do imediato: cultura material, História Imediata e ensino de História.** Tempo [online]. 2006, vol.11, n.21, pp.82-96.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da & LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Por uma antropologia do objeto documental: entre “a alma nas coisas” e a coisificação do objeto.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, nº 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 6ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor.** - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 16ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

